

AS CRIANÇAS POR TRÁS GRADES DAS JANELAS: UM ESTUDO DE CASO

THE CHILDREN BEHIND WINDOW BARS: A CASE STUDY

Armenia Cristina Dias Leonardi
Mestre em Direito pela Universidade
Católica de Petrópolis, Brazil
acdleonardi@gmail.com

Received: 03/08/2022

Accepted: 04/20/2022

Published: 05/26/2022

Resumo O artigo analisa a importância do amor para a construção da identidade do ser humano a partir da infância, que é o alicerce de toda a vida. A construção da identidade ocorre através do conhecimento de si mesmo e o reconhecimento dos outros seres humanos como seus semelhantes. O afeto e o amor como alicerces da infância significam instrumentos para alcançar uma sociedade igualitária e justa. A essência do ser humano e a formação da sua identidade serão analisadas com base nas experiências vividas e da necessidade do amor na construção ou reconstrução do indivíduo. Um ser humano inserido em um meio divergente das regras sociais e jurídicas estabelecidas somente terá sua identidade adaptada à sociedade se a empatia partir dos próprios integrantes desta sociedade. O amor é sentimento e mandamento imprescindível para a construção ou reconstrução da identidade humana.

Palavras-chave: Crianças. Amor. Vulnerabilidade.

Abstract: The article analyzes the importance of love for the construction of human identity from childhood, which is the foundation of all life. The construction of identity takes place through self-knowledge and recognition of other human beings as their peers. Affection and love as foundations of childhood are instruments for achieving an egalitarian and just society. The essence of human beings and the formation of their identity will be analyzed based on lived experiences and the need for love in the construction or reconstruction of the individual. A human being inserted in an environment divergent from the established social and legal rules will only have their identity adapted to society if empathy comes from the members of this society. Love is an essential feeling and commandment for the construction or reconstruction of human identity.

Keywords: Children. Love. Vulnerability.

Era a semana do Natal de 2013 e a intenção daquela turma de alunos do curso de Direito de uma universidade carioca, juntamente com suas três professoras, era levar brinquedos, roupas, comida, produtos de higiene e um pouco de alegria para as crianças de um abrigo na cidade de São João de Meriti, no Rio de Janeiro, no entanto, vislumbraram uma carência maior que do que as supostas necessidades materiais.

A instituição visitada está localizada em um bairro pobre, em São de Meriti, Rio de Janeiro, e abriga meninas de 0 a 11 anos e meninos de 0 a 6 anos de idade envolvidos em situação de vulnerabilidade, violência de modo geral. São crianças vítimas e observadoras, retiradas do ambiente violento em que nasceram e viveram.

O imóvel que albergava as crianças era grande, simples e, aparentemente e/ou momentaneamente, limpo. As crianças, através da grade de uma janela, imediatamente abordaram os alunos e professoras da universidade, ávidas pelo contato humano em todas as suas formas: queriam tocar os visitantes com suas mãozinhas inquietas, contar suas histórias recentes, o que fizeram, onde estudavam, o que acontecia na escola, como chegaram até ali. Percebe-se de imediato a necessidade premente de atenção e afeto superando a necessidade dos bens materiais.

As crianças por trás das grades das janelas expressavam uma realidade não dita, hipocritamente inconfessável, não somente pelas pessoas responsáveis por elas no dia a dia, mas também pelo estado e por toda a sociedade que aceita e se cala diante de um contexto fictício apresentado pelos agentes que deveriam zelar pela restauração da infância violada.

Esticando suas pequenas mãozinhas pelas grades das janelas que davam para o corredor de entrada, as crianças gritavam: “tia, tia, olha eu aqui”, ao mesmo tempo em que tentavam tocar os visitantes, clamando por um ínfimo momento de atenção, mesmo que efêmero.

A instantânea atitude do grupo foi acolher o pedido de carinho e atenção implorados pelas crianças e segurar aquelas mãozinhas tão carentes de todo bom sentimento de amor e afeto que, ao mesmo tempo que precisam e reivindicam, também desconhecem.

O grupo, antes de um contato mais próximo com as crianças, foi imediatamente advertido pela administradora da instituição de que não deveria dar atenção, conversar ou

demonstrar carinho às crianças, pois “elas não estão acostumadas e sentirão falta quando todos forem embora”. Uma professora perguntou “mas como são tratadas aqui? Não merecem atenção e carinho das pessoas responsáveis pelos cuidados com elas?”, ao que foi respondido: “não. Isso acostuma mal as crianças”.

É incontestável o despreparo das pessoas que trabalham nessas instituições de acolhimento infantil em relação às necessidades psicológicas e emocionais desses meninos e meninas. As crianças sempre sentirão falta dos desconhecidos sentimentos de afeto, amor e atenção que nunca tiveram em sua família de origem e também não o receberão e conhecerão pelas pessoas que assumiram o compromisso de acolhê-las.

Em apenas alguns minutos, foram presenciadas três brigas, com agressões físicas e verbais entre as crianças, porém, apesar de alertados, os funcionários da instituição limitaram-se a observar e dizer: “é assim mesmo, eles brigam sempre”. E sobre as grades nas janelas, justificam que é “para não fugirem”.

É sabido que muitas crianças e adolescentes apresentam comportamento “rebelde” por sua própria natureza, agravado naqueles que já possuem um histórico de situação de risco, pois nasceram e cresceram em ambientes hostis, no entanto, se as crianças tentavam fugir, é porque não se sentiam bem no ambiente em que estavam vivendo, ressaltando que tratava-se de uma casa de acolhimento respaldada pelo estado.

Os conflitos nascem quando determinados fatos da vida confrontam-se com princípios éticos e morais, ou seja, a rigidez do emprego das leis em favor da sociedade prevalece em detrimento do indivíduo. A instituição de acolhimento prioriza as regras sem considerar cada criança e adolescente como um ser individual, conforme dispõe Paul Ricoeur: (...) E, visto que a sociedade civil, lugar dos interesses em competição, tampouco cria elos orgânicos entre as pessoas concretas, a sociedade política aparece como o único recurso contra a fragmentação em indivíduos isolados.¹

A administradora da casa de acolhimento fazia questão de afirmar que as crianças tinham comida, cama, roupas limpas e sempre iam à escola. Mostrou todas as dependências, mas com a restrição de não chegar perto das crianças, pois seriam levadas ao pátio para receber os presentes.

¹ RICOEUR, Paul. O si-mesmo como outro. P. 293

Antes de receberem os presentes, os funcionários deram às crianças os brinquedos que havia na casa para “brincarem um pouco”, obviamente, com o objetivo de mostrar aos visitantes que as crianças tinham todas as suas necessidades materiais sanadas, pois, parece que para a política social artificial brasileira, isso é suficiente para o desenvolvimento saudável do ser humano.

Ao receberem os presentes levados pelo grupo, as crianças se aproximaram de seus visitantes e as conversas foram inevitáveis.

Em meio aos brinquedos já espalhados, João (nome fictício) de seis anos, pegou um jogo de grandes blocos para montar (uma espécie de “Lego”). João demonstrava agressividade, ao mesmo tempo em que se aproximava dos visitantes para conversar, numa espécie de luta interna, como se quisesse atenção, mas, precisava se defender das crianças com quem convivia. Ao pegar o brinquedo, disse ao grupo de visitantes: “olha o que eu sei fazer”. Sentou-se no chão com os blocos espalhados e rapidamente construiu um fuzil, apontou para todos os presentes, fingindo atirar, dizendo: “viu, tia? Eu que fiz”. A criança, em sua inocência, construiu o que para ela era um brinquedo dentro da realidade que ela conhecia, de acordo com o meio em que nasceu e viveu.

Maria (nome fictício), com 10 anos de idade, não falava, somente ficava de longe acompanhando o grupo de visitantes. Segundo uma funcionária, fora estuprada por seu padrasto e a mãe a colocara para fora de casa. Na verdade, tinha sido deixada em uma casa de prostituição e resgatada pelo estado através de denúncias.

Ana (nome fictício) era uma menina de 10 anos que se vestia com roupas de meninos e, de acordo com o relato das crianças, durante a noite ela atacava os meninos e meninas nas camas para “beijar”. Ana era hostilizada pelas outras crianças por querer se vestir e “fazer tudo igual a menino”, nas palavras dos pequenos. Era a que mais brigava e apanhava dos outros, cuja situação era visivelmente ignorada pelos agentes cuidadores. Não havia nenhum amparo emocional e psicológico para Ana e não havia orientação aos colegas para ensinar que não podiam agir daquela forma.

Luna (nome fictício), de 11 anos, segurou a mãozinha de uma das professoras, no momento da entrega dos presentes, e não a largou mais até o final da visita. A menina contou à professora que sua mãe foi embora e a tia não queria cuidar dela. Luna falava pouco, mas ficou o tempo todo com a professora, apesar das advertências das funcionárias.

Verifica-se, observando a relação das crianças com os brinquedos, que não possuem concentração e que existe um misto entre o mundo infantil e a realidade. As crianças não apresentavam concentração para brincar e ouvir música, mas, ao mesmo tempo que desejavam brincar, sentiam a necessidade de contar suas experiências dentro da instituição e fora dela, que não estão plenamente dissociadas da realidade em que foram geradas. Os cuidados e a educação prestados pela instituição resumem-se a “aqui não falta nada para eles” e “as crianças sempre vão à escola”, frases repetidas incessantemente pela administradora da instituição. Falta sim, falta o amor.

Nesta instituição, evidentemente, as crianças estão livres da violência a que estavam submetidas, se alimentam, têm roupas, brinquedos, escola, camas confortáveis, porém, a equipe responsável por garantir estes direitos humanos fundamentais, garantidos constitucionalmente, não proporcionam atenção e afeto para as crianças.

A preocupação com o “outro” inerente à empatia e indispensável à formação do ser humano e de sua identidade é elemento essencial para a formação de uma sociedade equilibrada e esta preocupação não se realiza se os direitos humanos não forem compreendidos e efetivados através do reconhecimento da importância do amor e do afeto para a construção da personalidade humana.

A educação determinada pela Constituição Federal limitada aos currículos escolares não basta para recriar seres humanos passíveis de integração aos princípios morais, éticos e culturais de uma sociedade. Ausente a estrutura emocional, não será possível a “destruição do acervo da própria ontologia”² (Heidegger, 1988) e a edificação de nova identidade positivamente contribuinte para uma sociedade melhor.

No caso apresentado, constata-se a instrumentalização dos direitos humanos mediante o cumprimento das regras estabelecidas pela legislação, mas é incontestável a primordialidade da execução destas ações com o mínimo de amor e afeto como mandamento moral para a construção de uma sociedade equilibrada, que depende do resguardo da integridade física e emocional dos seres humanos.

O ser humano é, sem dúvida, um produto do meio em que vive e, como consequência deste meio, construirá sua identidade através de suas experiências, portanto, a formação do ser durante a infância é primordial para construir um ser humano com

² HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 1988

potencial para contribuir para uma sociedade equilibrada. A partir das considerações das condições do meio em que um ser humano se forma, é possível de compreender suas ações e reações.

Há de ser ressaltado que “compreensão” não significa “permissividade”, sendo certo que compreender a atitude agressiva de uma criança não autoriza a impunidade, mas possibilita o combate à causa e permite a aplicação de meios que a ensinem a disciplina e o bom convívio social.

Instrumentalizando a garantia dos direitos do homem e destacando a importância do desenvolvimento do ser humano durante a infância e adolescência, a Constituição Federal, em seu artigo 227, estabelece os direitos básicos à sobrevivência digna das crianças e adolescentes, porém, um elemento essencial não está explícito, até mesmo por se tratar de sentimento humano e não um dever: o amor. Segundo Paul Ricoeur: “Falar de amor é fácil ou difícil demais. Como não cair na exaltação ou nas platitudes emocionais? Uma maneira de abrir caminho entre esses dois extremos é tomar como guia um pensamento que medite a dialética entre amor e justiça.”³

Não é possível uma criança, ser humano em desenvolvimento nascida em um meio em que a violência está estabelecida como ordem, ser integrada à sociedade, com seus conceitos morais e direitos humanos consagrados constitucionalmente, se não conhece o amor a si mesmo e ao seu semelhante.

A ausência de amor e afeto no trato com o seu semelhante estabelece uma natureza utilitarista às regras legislativas impostas para garantir os direitos fundamentais e as instituições que amparam crianças e adolescentes em situação de risco devem exercer neste sentido a alteridade por ser elemento fundamental ao equilíbrio social.

Para a construção de um ser humano sadio, toda a atenção e direitos básicos devem ser garantidos à criança, porém, quando o ser humano cresce em um ambiente que não facilita a construção saudável de seu “ser” e gera um indivíduo sem amor, consequentemente não existirá empatia e respeito à sociedade.

Independente da classe social, quando uma criança sofre desde a ausência de atenção dos pais até maus tratos físicos e psicológicos, o amor e o afeto inexistem, contribuindo para um possível comportamento violento e um desequilíbrio social. É uma

³RICOUER, Paul. *Amor e justiça*.p.3.

situação de evidente ausência de amor por parte de indivíduos que formam outros indivíduos e que contribui para uma deformação da identidade dos seres humanos em construção.

Neste caso, há necessidade de desconstrução deste “ser”, visto que durante a infância, o ser humano começa a desenvolver sua identidade, ou seja, conhece a “si mesmo” e constroi seu “ser” a partir de sua trajetória no mundo, devendo ser revistas as “tradições ontológicas” caso seja necessário desvendar este ser, segundo Heidegger (1988, p. 51): Deve-se efetuar essa destruição seguindo-se o fio condutor da questão do ser até se chegar às experiências originárias em que foram obtidas as primeiras determinações do ser que, desde então, tornaram-se decisivas.⁴

Nossa legislação impõe a realização de ações que resguardam os indivíduos, respaldando os mais vulneráveis, como os idosos, crianças e adolescentes, com o objetivo de alcançar um resultado positivo em relação ao desenvolvimento humano e social.

No entanto, as ações existentes em nossa sociedade possuem cunho imediatista, ou seja, apesar de a legislação prever, por exemplo, que toda criança tem direito à educação, mas a educação oferecida engloba somente o disposto nos currículos escolares, não será uma ação suficiente para a formação de um ser humano completo e pronto para atuar positivamente para a edificação do grupo social.

Ao tratar indivíduos em situação de vulnerabilidade para resguardar os Direitos Humanos é necessário que as medidas protetivas sejam realizadas por pessoas capazes de entender as diferenças existentes e sensíveis às adversidades do “outro”, neste caso, crianças de 0 a 11 anos.

A empatia é a visão do “outro” pela ótica de “si mesmo”, portanto, não é possível colocar-se no lugar do outro e compreender suas dificuldades sem amor e afeto.

O amor, como sentimento, não pode ser imposto às pessoas, mas espera-se que os indivíduos que se dispõem ou tenham sido designados a cuidar de seres em situação de vulnerabilidade realizem este trabalho em nome deste sentimento a partir da relação entre os conceitos de “sentimento e mandamento”⁵ .

Paul Ricoeur considera que o amor como sentimento não pode ser imposto ao ser, mas trata-se de mandamento ético e moral do amor ao próximo, remetendo à moral

⁴ HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. p. 51.

⁵ RICOEUR, Paul. *Amor e justiça*. p.1-11

Kantiana, deve ser exercido: é em virtude do parentesco entre o mandamento “ama-me!” e o canto de louvor que o mandamento de amor se revela irreduzível, em seu teor ético, ao imperativo moral, legitimamente igualado por Kant à obrigação, ao dever, por referência à recalitrância das inclinações humanas.⁶

Partindo desta consideração, não há como erguer um novo “ser” retirado de um meio violento, sem o principal elemento caracterizador do desenvolvimento sadio: o amor.

No momento da saída do grupo de visitantes, as crianças foram recolhidas e voltaram para as grades das janelas, sob protestos e reclamações, com suas mãozinhas tentando buscar o intangível, menos a menina Luna.

Luna, que estava sentada ao lado da professora recusou-se a entrar e, chorando agarrada à cintura da professora, pedia: “tia, me leva com você! Tia, me leva”.

CONCLUSÃO

O amor e o afeto agregados à autoestima das crianças, principalmente durante a primeira infância, são fatores poderosos para o desenvolvimento sadio, inclusive para o desenvolvimento cognitivo cerebral, de acordo com pesquisas realizadas pela Faculdade de Medicina da Universidade de Washington⁷.

A interação das crianças com objetos, espaços e o amor dos pais desenvolve o córtex pré-frontal do cérebro, melhorando a percepção, capacidade de reflexão e aprendem sobre seus sentimentos e dos outros, levando a uma melhor adaptação social⁸.

Assim, a ausência de amor e afeto entre os agentes educacionais e as crianças e adolescentes institucionalizados não soluciona o problema da vulnerabilidade infantil. Essas crianças e adolescentes terão suas necessidades materiais supridas, mas o vácuo emocional permanecerá.

⁶idem.p.11

⁷ NOBUO, Paulo. *Demonstrar amor ao seu filho beneficia inteligência e desenvolvimento*. Disponível em <<https://www.vix.com/pt/maes-e-bebes/578353/estudo-diz-demonstrar-amor-ao-seu-filho-beneficia-inteligencia-e-desenvolvimento>>. Pesquisado em 20 10 21.

⁸ idem

REFERÊNCIAS

CASANOVA, Marco Antonio. **Comprender Heidegger**. Petropolis, RJ: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988.

NOBUO, Paulo. **Demonstrar amor ao seu filho beneficia inteligência e desenvolvimento**. Disponível em <https://www.vix.com/pt/maes-e-bebes/578353/estudo-diz-demonstrar-amor-ao-seu-filho-beneficia-inteligencia-e-desenvolvimento>. Pesquisado em 20 10 21.

RICOEUR, Paul. **Amor e Justiça**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.